

Comunicação Global: novas organizações entram em cena

Rildo Albino da Costa¹

Resumo

O presente trabalho aborda a emergência de novas corporações que atuam no campo da comunicação de massa em variados continentes, considerando as visões alternativas de mundo que elas passam a propor no atual cenário mundial. Com esse propósito, a pesquisa aqui apresentada discorre sobre quatro organizações: TeleSur, NDTV, Al-Jazira e CNC World. As apurações propostas possibilitaram pensar, ainda que de forma elementar, os objetivos e os papéis dessas novas organizações no contexto geopolítico global.

Palavras-chave: *Geopolítica mundial; Comunicação; Países Emergentes.*

INTRODUÇÃO

Em quase todo o século XX, os Estados Unidos da América ocuparam a proeminência econômica, política e militar no mundo. Esse poderio estadunidense se firmou ainda mais depois da queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991. A ascensão norte-americana parecia ser a prova de que o capitalismo do Ocidente, então capitaneado pelos Estados Unidos, havia superado as experiências do chamado “socialismo real” (cf. HOBBSAWM, 2001, p. 363) e parecia legitimar ao mundo a economia ocidental de mercado.

Mas o século XXI entrará para a história, provavelmente, como o período de profundas mudanças em relação à hegemonia dos Estados Unidos da América. Se o episódio de 11 de Setembro contribuiu (de alguma forma) para os Estados Unidos pensarem sua política exterior, a crise imobiliária (daí, econômica) de 2008 teve o efeito de levar o governo estadunidense a alterar suas perspectivas políticas e econômicas em relação às outras economias mundo.

¹ Estudante da Graduação em Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir), campus de Vilhena, RO. E-mail: rildoalbino@hotmail.com

O mundo pós-crise, isto é, a crise econômica deflagrada a partir de 15 de setembro 2008 – dia da divulgação da falência do banco Lehman Brothers –, é um mundo que tende a ser mais fragmentado em sua distribuição de riqueza e poder. Ou seja, ao invés do predomínio dos Estados Unidos sobre outras nações, a história está trazendo ao mundo uma nova realidade geopolítica – “a ascensão do restante”, como aponta Fareed Zakaria (2009, p. 2). Esse aspecto levou alguns países a ocuparem o espaço no entorno mundial que antes era quase que exclusivo do norte-americano.

É importante notar alguns fatos significantes na década de 2000, fatos esses que estão relacionados aos Estados Unidos. Em 2001, os ataques dos fundamentalistas árabes às torres do World Trade Center e Pentágono. Logo depois, ainda em 2001, a declaração de guerra dos Estados Unidos contra o Afeganistão (que se arrastaria pela década inteira). Em 2003, a guerra contra o Iraque. Em 2006, a primeira preocupação econômica, com a situação alarmante das hipotecas imobiliárias. Em 2008, o estouro da crise econômica, levando a quebra de alguns das mais importantes instituições financeiras norte-americanas. Em 2010, o ápice da de desemprego do cidadão americano, atingindo 12%. Por fim, em 2011, a crise fiscal orçamentária, um impasse político-econômico do governo dos Estados Unidos. Juntam-se a isso as (já citadas) guerras-gêmeas contra o Afeganistão e Iraque – todas elas com gastos altíssimos e resultados políticos, orçamentários e militares desastrosos. E, além de todas essas deflagrações políticas, militares e econômicas, ocorrem também novas configurações geopolíticas ao redor do mundo: as ascensões econômicas de diversas nações subdesenvolvidas.

Diante dessas novas ascensões, é muito possível que isso não se dará somente na esfera econômica. Outras imposições serão propostas pelas nações que estão chegando ao mercado global, e uma dessas imposições é no campo da comunicação social. Em outras palavras, as novas formas de ver o mundo, por meio de novas organizações de comunicação de massa e de informação, estão ocupando espaço no mundo e são decorrências do avanço da riqueza dessas nações. É esse fenômeno que o presente trabalho estuda, tendo como foco teórico o já citado trabalho de Fareed Zakaria (2009), jornalista norte-americano com doutorado em Política Internacional pela Universidade Harvard (EUA). Zakaria discorre, em sua obra, as transformações geopolíticas no mundo e o lugar que provavelmente será ocupado pelos Estados Unidos dentro deste novo contexto mundial. A metodologia do presente estudo vale-se de pesquisa bibliográfica em publicações jornalísticas (pois são fatos muito recentes) que analisaram as transformações

políticas mundiais, isto é, publicações que trataram do tema-objeto da presente pesquisa; bem como uma busca por informações declaratórias divulgadas pelas próprias organizações estudadas – informações essas que são divulgadas, geralmente, em suas páginas institucionais na internet.

1. A ASCENSÃO DOS ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XX

No início do século XX, os Estados Unidos ainda não eram uma potência econômica planetária. Sua economia se arrastava, tendo a Europa como o carro-chefe da economia mundial.

Ainda no século XIX, os Estados Unidos se engajaram na Revolução Industrial, apresentando suas primeiras fases de desenvolvimento econômico. Mas foi na Primeira Grande Guerra que os Estados Unidos começam a prosperar de modo mais acentuado. Diversas razões contribuíram para isso, mas duas delas parecem ser mais evidentes. Primeiro, a nação estadunidense não fora palco do conflito mundial, ao contrário da Europa, que teve seu território devastado pelos confrontos militares. Segundo, os Estados Unidos se tornaram o maior fornecedor de armas para os países em guerra (cf. MARINA & RIGOLIN, 2005, p. 461). No período entre as duas guerras, os Estados Unidos começam a se despontar como uma próspera nação capitalista, graças à conjuntura das guerras e ao fato de já ter iniciado sua revolução industrial ainda no século XIX.

Entretanto, com a queda da bolsa de Nova Iorque, em 1929, os Estados Unidos mergulham numa profunda crise econômica. A Grande Depressão, como ficou conhecida, devastou a economia estadunidense da noite para o dia. As nações europeias, recém saídas da Primeira Guerra, estavam se recuperando de gastos militares, começando a produzir seus próprios produtos, deixando de importar manufaturados dos Estados Unidos. Com a queda do comércio exterior, a nação estadunidense enfrenta o excedente de mercadorias – fato esse que marca o fracasso, em 1929, pelo menos temporário, da então maior economia de mercado do Ocidente.

Os Estados Unidos só voltariam a retomar sua recuperação econômica alguns anos depois. O plano *New Deal*, do presidente Franklin D. Roosevelt, começa a demonstrar seus primeiros efeitos por volta de 1933. Com o dinheiro do governo injetado na economia, os Estados Unidos começam a dar seus primeiros passos rumo à dominação econômica mundial – como ocorreria por décadas depois.

A partir da recuperação da economia estadunidense, o mundo passa a testemunhar uma nova ascensão – a ascensão dos Estados Unidos da América. Embora seja a primeira vez que uma nação do continente americano iria ser a nova potência do mundo, essa não seria a primeira vez que um Estado-Nação se apresentaria como a locomotiva econômica mundial. Ou seja, o mundo já havia presenciado ascensões (e quedas) econômicas de países de outros continentes. Zakaria, tentando explicar o futuro dos Estados Unidos dentro de uma nova realidade geopolítica e econômica do mundo, comenta:

A primeira foi a ascensão do mundo ocidental, um processo que começou no século XIX e acelerou acirradamente do fim do século XX. Isso produziu a modernidade como conhecemos: ciência e tecnologia, comércio e capitalismo, as revoluções agrícola e industrial. Também produziu as longas dominações das nações do Ocidente. A segunda mudança, que começou no fim do século XIX, foi a ascensão dos Estados Unidos. (ZAKARIA, 2009, p. 1-2, tradução minha)²

O mundo, mais uma vez, presenciaria a ascensão de uma nação e, no século XX, seria a vez dos Estados Unidos.

Diante dessa realidade econômica, política e militar, os Estados Unidos também pautaram a comunicação no século XX. Ainda no fim da primeira metade do século em questão, Hollywood se torna a principal produtora de filmes de cinema de massa do mundo. Grandes redes de televisão, como a CBS e NBC, ajudaram a pautar o noticiário global. Em 1 de junho de 1980, o empresário Ted Turner, do grupo Time Warner, funda a CNN (*Cable News Network*, “Rede de Notícias a Cabo”), um canal noticioso de televisão que propunha fazer uma cobertura jornalística global. O século XX seria, então, saturado como uma visão imposta de mundo, a visão do *american way of life*, o estilo de vida estadunidense.

A imagem vendida pelos Estados Unidos parece, finalmente, ter sido comprada pelo mundo. O liberalismo econômico e a democracia política, nos contornos estadunidenses, seriam, nos dias atuais, as principais alavancas da ascensão econômica de novas nações do globo – como Brasil, China (politicamente comunista, mas com áreas geográficas de livre comércio), Índia, Rússia (recém-chegada ao livre-mercado) e algumas nações árabes. Novamente, citando Zakaria:

². “The first was the rise of the Western world; a process that began in the fifteenth century. It produced modernity as we know it: science and technology, commerce and capitalism, the agricultural and industrial revolutions. It also produced the prolonged political dominance of the nations of the West. The second shift, with took place in the closing years of the nineteenth century, was the rise of the United States”.

Estamos agora atravessando a terceira grande virada de poder no mundo. Ela [a virada] poderia ser chamada de “a ascensão do restante”. Pela primeira vez, outras nações do mundo estão experimentando crescimento econômico impensável em outra época. (ZAKARIA, 2009, p. 2, tradução minha)³

Certamente, a ascensão do “restante”, ou seja, de nações que nunca tinham experimentado um crescimento econômico significativo antes na história, começa agora a mudar os contornos das relações políticas e econômicas entre os países do mundo. Uma dessas grandes mudanças é a ascensão, também, de novas maneiras de ver a realidade percebida, novas percepções, novos valores, novas abordagens e novas explicações para os problemas do mundo. E todas essas roupagens culturais que estão emergindo refletem-se, principalmente, nos meios de comunicação de massa (nesses casos, meios de comunicação *global* de massa). Em outras palavras, o mundo multipolarizado é também um mundo pluralista, isto é, em se tratando de coletar, processar e divulgar informação.

Esse fato parece evidente com a ascensão de novos canais (veículos eletrônicos) de comunicação de massa no mundo. Não se trata apenas de manifestações na grande rede de computadores, ou seja, as vozes sociais que ecoam na internet. Embora esse fato seja evidente (a evolução da comunicação digital), observa-se, no entanto, que novas corporações de comunicação televisiva estão trazendo para o mosaico mundial uma cosmovisão alternativa da realidade. Zakaria afirma:

Divergências na interpretação do mundo sempre existiram. Mas hoje, graças à revolução informacional, elas são amplificadas, ecoadas e disseminadas. Onde antes havia somente narrativas expostas pelo *New York Times*, *Time*, *Newsweek*, a BBC, a CNN, agora há dúzias de canais e redes indígenas – desde a Al-Jazira, NDTV de Nova Déli até a latino-americana TeleSur. (ZAKARIA, 2008, p. 2, tradução minha)⁴

Ratificando o que afirma, o autor comenta um episódio que aconteceu com ele em uma de suas viagens à China:

Um jovem diplomata japonês disse-me em 2006: “Quando vocês [os norte-americanos] nos dizem que damos suporte a uma ditadura no Sudão para termos acesso ao seu petróleo, o que eu quero dizer é: ‘É diferente de vocês suportarem uma monarquia na Arábia Saudita?’”;

³ “We are now living through the third great power shift of the modern era. It could be called ‘the rise of the rest’. Over the past few decades, countries all over the world have been experiencing rates of economic growth that were once unthinkable”.

⁴ “Such divergent national perspectives always existed. But today, thanks to the information revolution, they are amplified, echoed, and disseminated. Where once there were only the narratives laid out by *The New York Times*, *Time*, *Newsweek*, the BBC, and CNN, there are now dozens of indigenous networks and channels— from Al Jazeera to New Delhi's NDTV to Latin America's TeleSur”.

nós enxergamos as suas [dos Estados Unidos] hipocrisias, apenas não dizemos nada – ainda”. (ZAKARIA, 2008, p. 2, tradução minha)⁵

Num quadro no qual se desponta novas visões de mundo, ou seja, visões alternativas da realidade que podem agora ser manifestas, a informação tende a deixar de ser produto monopolizado por um só país ou uma só região geopolítica. Assim como a realidade é diversa e pluralista, as interpretações também passaram a ser diversa e pluralista, ganhando eco em novos canais de comunicação.

Dentro desta nova realidade, quatro grandes veículos eletrônicos (televisivos) se destacam sobre os demais no novo cenário mundial: a TeleSur, a NDTV, a CNC e a Al-Jazira. Cada uma dessas organizações difunde valores, ideologias e reivindicações. O capítulo a seguir discorre sobre quatro desses novos empreendimentos.

2. NOVAS ORGANIZAÇÕES DE COMUNICAÇÃO SURGEM NO CENÁRIO MUNDIAL

2.1. A TeleSur, na América Latina

A emissora de televisão TeleSur é um canal aberto, gratuito, transnacional e multiestatal instalado na Venezuela, com transmissão para toda a América Latina e Caribe. A emissora foi fundada no dia 24 de julho de 2005, dia do aniversário do líder popular latino-americano Simon Bolívar. A criação da TeleSur é uma iniciativa do presidente venezuelano, Hugo Chávez. Além do governo da Venezuela, os da Argentina, Bolívia, Uruguai e Cuba também apoiaram a instalação da emissora. Desde então, o canal tem transmitido programas jornalísticos, educativos, debates e análises em espanhol para a região latino-americana. O lema da emissora parece ser resumido numa frase que é constantemente veiculada em suas transmissões: “*Nuestro norte es el sur*”.

O objetivo de existência alegado pela TeleSur é o de oferecer à América Latina e Caribe uma alternativa às redes privadas e internacionais. A emissora projeta uma imagem de que não tenha o lucro como meta principal, pois a publicidade é quase inexistente em suas transmissões. Como afirma uma reportagem na edição brasileira do jornal *Le Monde Diplomatique*, “a TeleSur, proposta pelo presidente venezuelano Hugo Chávez e surgida da parceria entre Venezuela, Argentina, Cuba e Uruguai, postou-se de cara na outra

⁵ “A young Chinese diplomat told me in 2006, ‘When you tell us that we support a dictatorship in Sudan to have access to its oil, what I want to say is: And how is that different from your support of a medieval monarchy in Saudi Arabia? We see the hypocrisy, we just don't say anything—yet’”.

margem do fluxo de informações, colocando-se na contra-corrente da grande mídia comercial” (FAXINA, 2009).

Na página da TeleSur na internet há um manifesto que tenta explicar a razão de a emissora ser desvinculada do planejamento capitalista marcada pela busca de lucro. Segundo o texto, a TeleSur diz “representar os valores dos trabalhadores e trabalhadoras”, afirma que apresenta um compromisso com as necessidades do continente, diz assumir a posição do tipo “nós decidimos o que fazemos”, considera que valoriza o trabalho em equipe, a se apresenta como uma organização com “vocação social”, que tem o objetivo de promover uma transforma o social no continente e, entre outras coisas, diz pretender manter a identidade que une o povo latino-americano (TELESUR, 2011).

A TeleSur tem um quadro de conselheiros e representantes de diversas na es latino-americanas. Em seu quadro de conselheiros, estão dois conhecidos jornalistas brasileiros: Beto Almeida, que trabalha na TV Senado e no jornal *Brasil de Fato*; e Fernando Morais, autor de livros como *Olga* e *A Ilha*.

O objetivo editorial da TeleSur é exposta ao público pela dire o da emissora. Quando esteve no Brasil, no Fórum Social Mundial, realizado em Belém (PA), em janeiro de 2009, um representante da TeleSur definiu o alvo da emissora, afirmando: “Nosso objetivo é romper o bloqueio midiático que as redes de televisão privadas, a serviço das oligarquias nacionais e do imperialismo americano, exerceram e exercem sobre nossos povos” (HIRST, 2000).

O conteúdo da programa o da TeleSur, embora tenha o formato parecido com as redes de canais privados, é bastante condizente com seus valores que buscam divulgar. A rede CNN, que também transmite em espanhol, utiliza uma linguagem padrão chamado “espanhol neutro”, anulando as características regionalistas do repórter. A TeleSur, ao contrário, apóia o regionalismo ling stico de seus profissionais, cada um comunicando com a maneira de falar de seus respectivos países.

As justificativas apresentadas pela TeleSur, bem como uma análise superficial do conteúdo por ela divulgado diariamente, pode levar o observador, principalmente o estrangeiro, a julgar que exista na América Latina uma visão de mundo muito peculiar. O pensamento latino-americano parece ser, entre outras coisas, um pensamento reacionário e reivindicatório. Embora o presente trabalho não se propusesse a fazer uma análise da natureza desse pensamento (pelo fato de o foco adotado aqui ser outro), podemos notar que

o povo da América Latina está mais consciente de seu papel no mundo – e está cobrando, cada vez mais, para que seja ouvido.

O jornalista inglês Michael Reid, antigo correspondente para América Latina da revista *The Economist*, do jornal *The Guardian* e colaborador para a América Latina da BBC, organizações britânicas, escreveu um livro sobre o continente latino-americano intitulado *Forgotten continent* (“Continente esquecido”, numa tradução livre). Nessa obra, o autor discorre sobre o pensamento que a América Latina tem sobre o mundo, sobre as nações ricas e, principalmente, sobre os Estados Unidos. Segundo o autor, o povo latino-americano se vê como explorado, injustiçado, e que agora é o momento de reivindicar seus direitos (REID, 2007, p. 124).

A TeleSur, então, demonstra, de certa forma, como o pensamento latino-americano está sendo expresso no mundo. Como já foi mencionado, não está do alcance desse artigo discorrer sobre a virtude desse pensamento. Mas, como o presente trabalho parece apontar, novos fluxos de discursos estão circulando no mundo.

2.2. A NDTV, na Índia

O nome fantasia NDTV refere-se às iniciais de New Delhi Television, antigo nome da New Delhi Television Ltda. Como a nomenclatura sugere, a NDTV está instalada em Nova Déli, na Índia.

A rede de televisão NDTV foi fundada pelo jornalista indiano Prannoy Roy, em 1988. Prannoy nasceu em Bengali, em 1945. Estudou economia em Calcutá, Dehradun e Londres. Quase que por acaso, tornou-se jornalista. Hoje, Roy é presidente da emissora e um de seus principais âncoras.

A NDTV se apresenta como uma alternativa para a comunicação na Ásia, assim como a TeleSur alega ser para a América Latina. Ou seja, enquanto a TeleSur processa as informações com a contextualização ideológica da América Latina, a NDTV, de forma similar, interpreta o mundo segundo o pensamento asiático – mais especificamente, segundo o pensamento indiano.

Além do canal tradicional – na verdade, a NDTV tem cerca de oito canais –, a emissora indiana também tem um veículo televisivo com conteúdo totalmente em inglês. No YouTube, o sítio de compartilhamento na vídeos na grande rede, a NDTV possui uma

página projetada com o objetivo de postar o conteúdo produzido pela emissora.⁶ Ou seja, a NDTV não pretende se comunicar apenas com os indianos, mas com o restante do mundo. Isso é digno de nota, pois se desdobra em cima do fato de que essas novas emissoras têm certa preocupação em divulgar seus valores no cenário mundial.

A página da NDTV na internet, em inglês⁷, é muito parecida com a das televisões ocidentais. Até o formato é parecido com o site da CNN. Há editorias específicas, como “política”, “mundo” e “economia”. No aspecto estético, a página da NDTV é bem mais elaborada e atrativa que a TeleSur (no julgamento do autor deste texto), dando a entender que tem forte orientação comercial.

Os fatos que se transformam em notícias na NDTV são os mesmos de corporações ocidentais como CNN e BBC. Mas na emissora asiática há uma forte pauta “indiana” na seleção das notícias. Por outras palavras, a Índia sempre é notícia na NDTV. Quando o restante do mundo é notícia (e sempre é), a equipe da NDTV veicula a informação com uma roupagem mais revestida com o contexto geopolítico asiático.

Por outro lado, a NDTV não é a primeira iniciativa indiana de se comunicar com o mundo. A criação da produtora cinematográfica Bollywood, por exemplo, é um empreendimento que parece ter a intensão (até no nome de marca) de confrontar as produções, valores e cosmovisões produzidas e distribuídas por Hollywood. Entretanto, a NDTV, embora com os mesmos objetivos e desafios, tem seu conteúdo voltado para o jornalismo e a produção televisiva e não, pelo menos a princípio, para uma produção cinematográfica.

Outra observação importante sobre a NDTV é que, ao contrário da TeleSur, é uma iniciativa privada, uma empresa capitalista. Não se trata, portanto, de um investimento de governo ou de Estado. Sendo assim, a NDTV tem sido mais suscetível a críticas (como as empresas de comunicação da iniciativa privada estão). Alguns episódios, por exemplo, demonstram o nível destas críticas. Um deles é sobre a suposta intervenção da NDTV na atividade dos “blogueiros” independentes. Um artigo da versão inglesa da Wikipédia (a enciclopédia é citada aqui por causa da escassez de fontes) afirma que “muitos blogueiros indianos têm se expressado suas insatisfações com a NDTV (...) por tentar censurar suas liberdades de expressão através de ações legais” (WIKIPEDIA, 2011).

⁶ A página é www.youtube.com/ndtv.

⁷ A referência da página é www.ndtv.com.

Apesar das oposições, a NDTV entra no cenário mundial com seus valores e ideias. Pode ser que a emissora seja apenas outra grande corporação capitalista de comunicação, com o mesmo objetivo das corporações do Ocidente – o lucro –, mas o fato que este trabalho tenta apontar é de que há outras construções discursivas da realidade no mundo atual. E uma dessas visões surge em um país da Ásia, a Índia – um país com história milenar, uma nação que é agora classificada como “país emergente”.

2.3. A Al-Jazira, no Qatar

A rede de televisão Al-Jazira é uma emissora árabe, fundada em novembro de 1996, com sede em Qatar, um emirado árabe.

A fundação da Al-Jazira tem um relato muito peculiar. O xeque Hamad bin Khalifa al-Thani, do Qatar, depôs o próprio pai do governo e tomou o poder. Foi um golpe de Estado, mas sem usar violência militar. O golpe nem chegou a ser noticiado. O emirado é o menor dos países árabes, com uma população de cerca de 100 mil habitantes, e, ainda assim, é uma população autóctone. O novo soberano, então aos 43 anos, criou um canal televisivo por satélite, a Al-Jazira, destinado aos países árabes (HIRST, 2000).

Assim como a TeleSur da América do Sul e a NDTV da Índia, a Al-Jazira diz existir para interpretar o mundo segundo os valores árabes. Logo depois de lançar conteúdo em árabe, a partir de 2006 a Al-Jazira iniciou suas transmissões em língua inglesa, adotando a nomenclatura *Al Jazeera International*.⁸ A rede contratou diversos profissionais de grandes veículos ocidentais, mas deixou claro que sua linha editorial era oriental. Hirst resume a linha editorial da emissora em poucas palavras:

A linha editorial de Al-Jazira é tão permissiva que não existe qualquer diretriz no que se refere ao conteúdo dos programas. A ponto de seu principal apresentador dizer: ‘Aqui, eu abordo temas que nunca esperaria poder abordar quando trabalhava na BBC’. (HIRST, 2000)

A emissora árabe ficou mundialmente conhecida a partir do dia 11 de setembro de 2001, quando as torres gêmeas de Nova Iorque foram atingidas por aviões guiados por ativistas islâmicos. Osama Bin Laden, acusado de ser o principal responsável pelos ataques (que era considerado pelo Ocidente como um terrorista e por alguns segmentos sociais do Oriente como um herói da causa árabe) se valeu da veiculação de diversos vídeos por meio da Al-Jazira. A emissora tornou-se não só uma fonte de informação sobre as reivindicações

⁸ Às vezes, o primeiro nome aparece grafado junto: *Aljazeera*.

árabes, mas também um meio de comunicação política com os Estados Unidos por uma via alternativa, além da diplomacia oficial.

Além de ganhar popularidade no Oriente, a Al-Jazira também conquistou sua reputação no mundo árabe. Hirst afirma que as televisões árabes, antes de Al-Jazira, não tinham uma programação jornalística. A programação das televisões árabes era repleta de telenovelas egípcias, *talk shows*, adivinhações e jogos de sorte. A intensão de uma programação tão artificial era impedir os árabes de pensar em política (HIRST, 2000). Mas a Al-Jazira mudou este quadro, divulgando conteúdo noticioso.

Atualmente, a emissora tem alcance global em sua transmissão (por meio de seu canal em inglês), tem escritórios e correspondentes em diversas partes do mundo, além de ser mais um veículo dentre os meios de informação que estão expondo um novo pensamento político, econômico e social no mundo moderno. Em uma entrevista à revista *Time*, o diretor do escritório da emissora árabe em Washington Abderrahim Foukara afirma que os Estados Unidos e o mundo precisam da Al-Jazira. Ele cita a revolta egípcia como exemplo. Para Foukara, a Al-Jazira cobriu o caso de uma forma peculiar porque ela, “mais que qualquer emissora ocidental, entende a mentalidade asiática, suas reivindicações e, por conseguinte, o teor das revoltas populares do mundo árabe” (TIME, 2011)⁹. Uma pequena nota, também na revista *Time*, diz que a imagem que os estadunidenses tinham da Al-Jazira está mudando desde as revoltas árabes na Tunísia e no Egito:

Muitos americanos pensam que o canal por satélite de Qatar é uma porta voz dos terroristas. Mas a sua cobertura dos levantes populares na Tunísia e no Egito está ganhando respeito como uma cronista definitiva da revolução árabe. No Egito, o escritório da Al-Jazira foi fechado, seus jornalistas presos temporariamente, seus equipamentos confiscados e a transmissão por satélite bloqueado. (TIME, 2011)¹⁰

Fatos como esses demonstram a postura da Al-Jazira perante o mundo – ou seja, ela não se apresenta como uma porta voz de “terroristas” árabes, embora tal perfil de ativista político radical também tenha ganhado espaço na emissora. Mas a Al-Jazira se propõe seguir uma linha editorial bem mais ampla que simplesmente divulgar reivindicações de algumas vertentes radicais político-religiosas do mundo árabe.

⁹ “More than any Western broadcaster, it understands the Asian mentality, its vindications and, beyond, the drift of the Arab revolts in the Arabic world”.

¹⁰ “Many Americans think that the satellite channel of Qatar is a spokesman of terrorists. But its cover in the rising in Tunisia and Egypt is gaining respect as a definitive chronicler of the Arab revolution. In Egypt, the Al Jazeera’s office were get closed, its journalists arrested temporarily, its equipments were forfeited and the broadcasting by satellite blocked”.

2.4. A CNC World, na China

A ascensão econômica da China é uma das razões (embora não a única) do fim da hegemonia econômica, política e militar dos Estados Unidos no mundo moderno. Como já foi mencionado, a crise econômica pela qual os Estados Unidos entraram em 2008 coincidiu com a emergência econômica de alguns países em desenvolvimento – dentre eles, os classificados pela sigla “Bric” (Brasil, Rússia, Índia e China). Esse é um assunto que está sendo, de certa forma, tratado atualmente na mídia mundial.

Os Estados Unidos já enfrentaram ascensões de outros países no mapa geopolítico mundial. No período da Guerra Fria, a URSS se despontava no horizonte mundial como uma nova potência econômica, com um modelo econômico alternativo – a econômica planificada. Depois do fim da URSS, que também coincidiu com o colapso do socialismo em outras regiões geopolíticas, o Japão representou outra ameaça à hegemonia estadunidense. Mas com o limitado território japonês, com sua limitação de mão de obra, fez com que o país fosse relegado a um estacionário segundo lugar.

Portanto, nem a URSS nem o Japão tornou-se uma ameaça real em tomar o lugar dos Estados Unidos como potência global – tanto em termos econômico como (consequentemente) em termos político e militar. Um comentarista da revista inglesa *The Economist* afirma:

Já ouvimos falar do declínio dos Estados Unidos antes. Mas desta vez é diferente. É certo que os Estados Unidos passaram por ciclos de declínio no passado. (...) União Soviética e Japão foram ameaças ao declínio da América. Mas, juntando a ineficiência da economia soviética com a limitação territorial do Japão, as ameaças não se consolidaram. (...) Mas desta vez é diferente. A China tem as duas virtudes que faltaram a União Soviética e ao Japão: uma economia eficiente e um território amplo. (THE ECONOMIST, 2011, tradução minha)¹¹

Com a ascensão da China, era de se esperar a ascensão de um meio de comunicação de massa emergindo com a nova posição econômica chinesa. Pois bem, a CNC World é um canal de televisão chinês, lançado em 1 de julho de 2010, em Pequim. A emissora mantém uma parceria com uma agência de notícias do mesmo grupo, a China Xinhua

¹¹ “We were ever told about the decline of the United States before. But this time is different. It’s certainly that the United States got through cycles in the past. (...) Soviet Union and Japan were threats to the decline of America. But, joining the inefficiency of the soviet economy together with the territorial limitation of Japan, the threats did not consolidate. (...) But this time is different. China has the two virtues that lacked to Soviet Union and Japan: an efficient economy and a broad territory”.

News. Praticamente no mesmo dia de fundação da emissora chinesa, a CNC World lançou sua versão em língua inglesa – bem como uma página na internet, com todo o conteúdo televisivo produzido pelo conglomerado. O grupo que sustenta a CNC World afirma ter conteúdo informativo e noticioso disponível em seis idiomas: chinês, inglês, espanhol, francês, russo e árabe. Ainda segundo o grupo, mais de 200 países e regiões são alcançados pelas transmissões da Xinhuanet – o braço virtual da CNC World – “tendo cerca de 800 milhões de visitas por mês, 80 milhões por dia” (CNC WORLD, 2011).

A CNC World expõe sua justificativa de existência nas seguintes palavras: “Divulgamos notícias importantes sobre a China e o mundo em volta do Globo sem plenamente confiar em agências de captações de notícias pela rede mundial de comunicação” (CNC WORLD, 2011). Parece que a proposta da emissora chinesa, conforme a pesquisa aqui apresentada aponta, é ter seus próprios meios de captação, apuração e divulgação de informações, informações essas que são consideradas relevantes para a China; informações sobre o mundo atual e sobre o próprio país. Uma visão chinesa de mundo é veiculada pela CNC World. Segundo o diretor da emissora, Li Congjiun, o objetivo da CNC World é “apresentar uma visão internacional dentro de uma perspectiva chinesa” (LUTHER, 2011, p. 32.).

O surgimento de uma televisão chinesa de alcance global trará ao mundo uma visão – mais uma visão – diferenciada de mundo. Assim como os estadunidenses divulgaram sua visão da realidade mundial na segunda metade do século XX por meio do Hollywood e de suas políticas externas, propagando seu modelo social, cultural e, principalmente, econômico; agora a China percorre o mesmo caminho, divulgando seus valores por meio da CNC World.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível que, nas próximas décadas, os Estados Unidos não percam sua proeminência econômica, política e militar no mundo. Mas perderá, possivelmente, sua hegemonia.

Com a perda da hegemonia estadunidense, isto é, partindo desta possibilidade, o mundo ganha interpretações distintas de sua realidade política, social e econômica. E essas interpretações estão cada vez mais presentes em novas organizações de comunicação de massa espalhadas pelo mundo.

Entretanto, este artigo ainda é insuficiente para discorrer sobre o assunto aqui proposto. O tema está aberto a novos olhares, pois se desponta, diante de nossos olhos, um novo cenário mundial, com novos atores impondo suas vozes, interpretando a realidade não de acordo com o pensamento que prevalece no mundo, mas de acordo com suas bases de origem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CNC WORLD. **Content.** <http://news.xinhuanet.com/english/2007-08/31/content_6637522.htm>. (Acesso em: 07 abr. 2011).

ENCICLOPÉDIA Wikipedia (versão inglesa): **NDTV.** Disponível em: <<http://www.wiki.org-ndtv>>. (Acesso em: 11 abr. 2011).

_____. Wikipédia. **TeleSur.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/TeleSUR>>. (Acesso em: 28 mar. 2011).

FAXINA, Elson. TeleSur e as mentiras da imprensa privada. **Le Monde Diplomatique Brasil.** Edição de 05 de Agosto de 2009. Disponível em: <<http://diplomatieque.uol.com.br/artigo.php?id=385>>. (Acesso em: 25 mar. 2011).

HIRST, David. Uma emissora de TV que incomoda. **Le Monde Diplomatique Brasil.** Edição 01/08/2000. Disponível em: <http://diplomatieque.uol.com.br/artigo.php?ib_2656>. (Acesso em: 29 de mar. 2011).

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos:** o breve século XX, 1914-1991. 2ª ed., 21ª impressão. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LUTHER, Pierre. A ofensiva chinesa sobre a informação. **Le Monde Diplomatique Brasil.** no. 44, ano 4, p. 32. Março de 2011.

MARINA, Lúcia; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Geografia: Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.

REID, Michael. **Forgotten continent: The Battle for Latin America Soul**. Lancaster: Yale University Press, 2007.

TELESUR. **Canal**. Site oficial da emissora. Disponível em: <<http://www.telesurtv.net/secciones/canal/index.php>>. (Acesso em: 27 mar. 2011).

THE ECONOMIST. **Still No. 1**. Disponível em: <www.economist.com/still_n_1>. (Acesso em: 04 de abr. 2011).

TIME. **Why the U.S. needs Al Jazeera**. 22 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.time.com/time/nation/article/0,8599,2052934,00.html>>. (Acesso em: 1 abr. 2011).

ZAKARIA, Fareed. **The Post-American world**. New York: W.W. Norton & Company, Inc., 2009.

ZAKARIA, Fareed. **The rise of the rest**. Disponível em: <www.fareedzakaria.com_the_Rise_rest>. (Acesso em: 25 mar. de 2011).